



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1248

O ensino de história sobre o Paraná Colonial nas escolas

Alef Guilherme Zangari da Silva (UEM)

Rodrigo Correa Barboza (UEM)

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir a temática sobre o “Paraná no período colonial” nas escolas, com ênfase na experiência do Colégio Estadual Antônio Diniz Pereira, da cidade de Ivaiporã/PR. Este texto faz parte das ações do PIBID. O referido projeto de ensino está sendo aplicado em períodos de contra-turnos visando pensar a disciplina de História do Paraná em sala de aula, partindo do pressuposto de que estes conteúdos muitas vezes não são ensinados, provocando deficiências na aprendizagem histórica dos alunos. Pretende-se com isso chamar a atenção para a importância de se ensinar esse período da história do Paraná, contribuindo assim, para ampliar o conhecimento dos alunos do Colégio Estadual Antônio Diniz Pereira.

Palavras-chave: História do Paraná; Período Colonial; Ensino; Pibid.

1. Introdução

No ambiente acadêmico podemos perceber debates freqüentes voltados para pauta da formação de professores, a que se tem mostrado uma área muito frágil, devido a sua formação já que uma vez tem transparecido sua capacidade adequada de tais futuros docentes, perdendo o interesse no seu ato de atuar como profissional. Podendo refletir na eficácia do ensino que se tem atualmente na educação básica pública, surge o Programa Institucional de

Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que tem como principal objetivo a busca da união do ensino superior e da educação básica, por meio de ações didáticas voltadas para o aprendizado, levando também os estudantes de licenciaturas a estar envolvidos no cotidiano das escolas. Em face esse projeto também leva a História do Paraná, visando uma ressignificação do ensino de história nas escolas.

Com essa aproximação de dois mundos, ensino superior e educação básica o projeto foi desenvolvido com proposta diferente do ensino tradicional de história, tendo como sujeito ativos no processo de construção do conhecimento histórico alunos do 9º ano do colégio Antônio Diniz na cidade de Ivaiporã. Os trabalhos desenvolvidos ocorreram em período de contra turno onde era oferecido aulas de Paraná para os alunos que se interesse pelos temas abordado, visando a melhor compreensão da história do Estado. Em especial o artigo será desenvolvido a partir dos estudos de Paraná Colônia, uma vez que devido ao pouco tempo esse acaba sendo um tema pouco discutido em sala.

O projeto proporciona atividades que tem como objetivo promover a construção do conhecimento do aluno dentro do próprio espaço de ensino-aprendizagem, levando a ver a formação do espaço atual. É por meio dessas experiências que podemos refletir sobre a construção do conhecimento, durante o andamento da aprendizagem, pois essa construção se dá por meio da interação entre o sujeito.

[...] o conhecimento não é dado nem na bagagem hereditária nem nas estruturas dos objetos: é construído, na sua forma e no seu conteúdo, por um processo de interação radical entre o sujeito e o meio, processo ativado pela ação do sujeito, mas de forma nenhuma independente da estimulação do meio. O que se quer dizer é que o meio, por si só, não constitui estímulo. E o sujeito, por si só, não se constitui sujeito sem mediação do meio; meio físico e social. É nesta direção que vai a concepção piagetiana de aprendizagem: sem aprendizagem o desenvolvimento é bloqueado, mas só a aprendizagem não faz o

desenvolvimento. O desenvolvimento é a condição prévia da aprendizagem; a aprendizagem, por sua vez, é a condição do avanço do desenvolvimento (BECKER, 1993, p. 25).

Construímos o conhecimento com a prática pedagógica na sala de aula, pois com a experiência que podemos perceber os aspectos positivos desenvolvidos durante a proposta, percebendo a construção do conhecimento dos alunos que participam do projeto, que foram significativas.

Para que esse conhecimento seja possível é preciso uma compreensão do passado, com as evidências disponíveis que se encontra de tal período estudado, sejam elas cartas, imagens, músicas e etc. Uma orientação temporal que vise entender o passado compreendido, o atual presente que esta problematizada e a perspectiva do futuro, são partes fundamentais para a construção do conhecimento do sujeito.

“Terá que assumir-se como investigador social, aprender a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos não para de imediato classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos” (BARCA, 2004, p. 133)

Ou seja, o aluno deixa de ser apenas um ouvinte e participa como protagonista da própria aula, deixando de lado o professor com a imagem do detentor do verdadeiro conhecimento, o professor passando a auxiliar o aluno a desenvolver um pensamento crítico acerca da história.

1.1 Aspectos da história do Paraná Colônia trabalhado

É no século XVI que nós vemos o encontro dos Europeus em terras brasileiras. A partir daí, vê-se uma história mais complexa se formando, com: Choques culturais, espirituais e políticos.

No século XV (1494) ocorre à criação do Tratado de Tordesilhas, esse tratado significava a divisão do 'mundo' entre espanhóis e portugueses. Nessa divisão, Portugal fica com uma parte considerável do Brasil, desde Belém, até Laguna em Santa Catarina. Porém, somente uma pequena parte do Paraná fica em posse de Portugal, a maior parte fica para a Espanha.

Em 1500, há a chegada de Cabral; de 1500-1530 os portugueses enviam expedições de reconhecimento e expedições guarda-costas para mostrar a presença portuguesa nas terras do Novo Mundo; em 1530 D.João III decide ocupar efetivamente Brasil, para isso ele envia Martin Afonso.

Quando Martin Afonso chega, uma das primeiras informações que ele recebe é sobre Aleixo Garcia, um português que saiu da região litorânea de Santa Catarina em 1522, seguiu pelo interior do Paraná, passou pelo Paraguai e chegou ao Peru, nas minas de Potosí. Nesse mesmo ano ele volta, para região do estado do Paraná e em 1525, quando chega na região de Foz do Iguaçu, tem toda a sua tropa atacada por indígenas locais e são todos mortos. (ÁLVAR NUÑEZ, Naufrágios e Comentários).

Outro viajante que passa pela região do Paraná, é o europeu Hans Staden em 1550, que devido á um acidente de percurso acaba conhecendo o litoral paranaense. Após sete anos do ocorrido ele escreve a obra 'História e descrição de um país selvagem' (1557). Nesse livro ele vai descrever a ilha de Superagui, a ilha do Mel e a região desde Pontal do Sul até Caiobá. (NUÑEZ).

Os principais viajantes europeu que cruzaram o interior do Paraná (também o litoral) foram: Aleixo Garcia, Hans Staden, Cristovão de Saquedra, Fernando Salazar, Ulrich Schmidel e Ruy Dias Melgarejo.

Com relação ao Alvaro Nunes Cabeza de Vaca, seu relato das expedições é interessante por ser uma leitura diferente da região, ela não é fantasiosa, é um relato cru, que inclusive quebra a idéia da América como um Arquipélago. É também uma leitura antropológica/etnográfica, pois trata dos índios e mostra que o Novo Mundo já era Velho e possuía donos: Os indígenas, que não eram bons, nem maus, apenas de uma cultura diferente. (NUÑEZ).

Esse relato desconstitui a ideia que os Europeus tinham de que os indígenas não possuíam rei, fé ou lei.

O texto é um instrumento histórico, com importância etnográfica, de fauna, flora e hidrografia da região do interior do Paraná. (NUÑEZ).

Em suma, o texto vem mostrar toda uma construção política e também características hidrográficas, ambientais e de caráter antropológico com relação aos indígenas do interior do Paraná.

A partir da segunda metade do século XVI, vê-se a formação de vilas na parte mais ocidental do Paraná, que era de domínio espanhol. A formação do espaço reducional foi influenciada pelas atuações dos jesuítas, encomenderos e bandeirantes paulistas. (SCHALLENBERGER, Erneldo).

Os jesuítas vão ter principalmente duas posturas com relação aos indígenas: 1- Isola-los – para fazer com que ele não voltasse a praticar atos pecaminosos; 2- Separa-lo do convívio com o homem branco (principalmente o encomendero que vai olhar para o índio apenas como mão-de-obra). (SCHALLENBERGER).

A exploração da mão de obra indígena pelos encomenderos vai iniciar um processo de diminuição populacional.

A solução para a resolução desses problemas vem a ser: A atuação dos padres jesuítas, que começa pela atuação religiosa junto aos índios guarani com quem os espanhóis tinham uma maior facilidade de contato.

A formação reducional se deu especialmente no espaço oeste do Paraná. Em 1588 houve padres que cruzaram essa região como, Manoel Ortega, Thomas Fields e Juan de Saloni, e constataram que ali era um bom lugar para a instauração das reduções. (SCHALLENBERGER)

As primeiras reduções são: Nossa Senhora do Loreto (1610), Santo Inácio Mini (1611). Elas vão se localizar na região Norte do Paraná, longe dos centros populacionais e dos encomenderos que estavam mais ao centro.

A partir da década de dez (século XVII) pode ser notada uma atuação mais incisiva dos encomenderos e dos bandeirantes, que começa a perturbar os espaços reducionais.

Nesse momento há também a organização de mais reduções: na região do Rio Tibagi, Ivaí, Piquiri e Corumbataí.

Entre 1628 e 1631 há uma grande invasão dos bandeirantes paulistas, liderada por Raposo Tavares, que acaba gerando uma mudança regional dos

povoados missioneiros. É ai que ocorre um êxodo de cerca de 12.000 almas para a província do Uruguai, em procura de proteção e abrigo. (SCHALLENBERGER).

A Espanha passa reconhecer o domínio das terras a oeste das Linhas de Tordesilhas, pelos portugueses, pois estas terras foram abandonadas pelos jesuítas, logo após eles terem sofrido ataques dos bandeirantes.

Em 1641 começa a fase de mineração na região do Paraná, quando Gabriel de Lara encontra ouro na Serra Negra. (WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*).

A mineração foi o primeiro ciclo econômico do Paraná e deixou efeitos como: o povoamento do litoral por mineradores vindos de diversas partes do Brasil; surgimento de Paranaguá, o desbravamento e colonização do primeiro planalto; fundação de Curitiba e aberturas de picadas que ligaram o planalto curitibano ao litoral. (WACHOWICZ).

Por fim no início do século XVIII, o ouro de Minas Gerais eclipsou o de Paranaguá e acabou por ocorrer um grande êxodo dos mineradores.

Na seqüência vem a ocupação dos Campos Gerais a partir do século XVIII, com a abertura do caminho de Viamão. Formação de fazendas/vilas e colonização estrangeira. (MACHADO, Brasil Pinheiro).

Os Campos Gerais foram ocupados, sobretudo por homens ricos de São Paulo, Santos e Paranaguá.

Houve uma grande formação de latifúndios, onde ficavam ao cuidado dos agregados dos grandes proprietários e que geralmente se utilizava da mão de obra escrava (negros/indígenas). (MACHADO)

O caminho de Viamão: se oficializou em 1730 e saía da região do Rio Grande do Sul com destino á São Paulo.

Os grandes proprietários podiam ser tropeiros de tiro longo ou, em certas ocasiões eles eram apenas donos de terra que lucravam com a renda advinda do aluguel de suas terras.

Esse aluguel se caracterizava como internada, local onde o gado ficava descansando para posteriormente seguir viagem. Paralela a essas internadas apareciam os locais de pouso, que vão começar a formar núcleos populacionais. Atualmente de originou: Rio Negro, Castro, Lapa, Ponta Grossa e Jaguariava.

No final do século XVIII, os indígenas começam a atacar as fazendas, com isso a Coroa Portuguesa da liberdade para os grandes proprietários apreendem-los.

Com a chegada de Dom João VI, o império pretende combater os indígenas. Enviando militares para os campos Gerais, em 1810. Com objetivo de abrir espaços para as fazendas de criação. (MACHADO).

Em 1811 a capitania de Paranaguá enviou uma representação ao príncipe D. João requerendo um governo provisório. Depois de várias tentativas. Correia de Sá vê suas tentativas fracassadas, mesmo assim foi este o primeiro movimento em prol da emancipação da comarca.

Uma nova tentativa surgiu em 1921, apoiado por Bento Viana, os defensores iniciaram o movimento que ficou conhecido como Conjura Separatista. Porém o caso foi abafado, Viana nada sofreu, mas algumas autoridades foram perseguidas e abandonaram a comarca.

Portanto esses foram os principais temas trabalhados em sala de aula com os alunos do Colégio Estadual Antônio Diniz Pereira. Procuramos abordar a chegada dos primeiros imigrantes europeus, as missões jesuítas, ocupação do litoral e ocupação dos Campos Gerais.

2. Conclusão

O fato de aliar o trabalho teórico a prática na sala de aula foi uma experiência enriquecedora, tanto pessoal como profissional.

O método da aula permitiu uma aproximação entre aluno e professor, pelo fato, da aula ser de História do Paraná, os alunos demonstraram um interesse pelo assunto. Por se tratar da história local.

Ouvir as opiniões, esclarecer dúvidas e envolver os alunos em torno de um debate sobre a história local foi uma experiência que demonstrou o objetivo do (PIBID), a união do ensino superior e o básico.

Ainda foi percebido que as aulas se tornaram agradáveis devido ao grande interesse dos alunos a respeito do tema. Os alunos se deram conta a

importância da participação em sala de aula para que o projeto fosse tão bem-sucedido.

Portanto o objetivo foi alcançado, podemos notar a mudança de conceitos percebida nos alunos em reação ao conceito de história local e ao conceito da importância de fazer o aluno interagir em sala de aula.

Por fim, o presente trabalho apresentou uma experiência de sucesso em sala de aula e que de alguma forma o conteúdo trabalhado possa servir aos alunos, seja em um vestibular ou em concurso público.

3. Referência

BARCA, I. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. BARCA, I. (Org.) Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BECKER, Fernando. A epistemologia do professor. Petrópolis: Vozes, 1993.

MACHADO, Brasil Pinheiro. *Campos Gerais, estruturas agrárias*. p. 29-54.

Naufregios e Comentários – ÁLVAR NUÑEZ, (Cabeza de Vaca).

SCHALLENBERGER, Erneldo. **A integração do prata no sistema colonial: Colonialismo interno e missões jesuíticas do Guairá**. Editora Toledo, PR, p. 169-194.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 6ª ed. Paraná: Editora Gráfica Vicentina, 1988. p. 39-73.